

Špánková, Silvie; Lourenço, Eduardo

Lourenço, Eduardo: Imagem e miragem da lusofonia

In: Špánková, Silvie. *(Des)colonização na literatura portuguesa contemporânea : breve antologia de textos literários e ensaísticos com atividades*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 81-84

ISBN 978-80-210-7053-0; ISBN 978-80-210-7056-1 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/130550>

Access Date: 17. 02. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

Lourenço, Eduardo: Imagem e miragem da lusofonia

O texto de um dos melhores ensaístas portugueses aborda a questão da lusofonia, apontando os seus traços polémicos.

A lusofonia não é nenhum reino, mesmo encartadamente folclórico. É só - e não é pouco, nem simples - aquela esfera de comunicação e compreensão determinada pelo uso da língua portuguesa com a genealogia que a distingue entre outras línguas românicas e a memória cultural que, consciente ou inconscientemente, a ela se vincula. Nesse sentido, é um continente imaterial disperso pelos vários continentes onde a língua dos cancioneiros, de Femão Lopes, de Gil Vicente, de Bernardim, de Pêro Vaz de Caminha, de João de Barros e de Camões se perpetuou essencialmente a mesma, para lhe chamarmos ainda *portuguesa*, e *outra* na modulação que o contacto com novas áreas linguísticas lhe imprimiu ao longo dos séculos. É evidente que, assim descrita e apercebida, a esfera da lusofonia não pode ser objecto de considerações que não sejam de ordem fonética, filológica ou gramatical. Considerações interessantes, infinitas como foram sempre as dos linguistas, mas que não bastariam para decidir um antigo Presidente da República, um grande historiador da nossa literatura e mesmo da literatura da língua portuguesa em geral, e um mero ensaísta, a debruçar-se sobre a magna questão da lusofonia.

Se todos vieram à capital do nosso Norte convocados pela *lusofonia*, é porque esta senhora deve ter outros mistérios e outros encantos ou perplexidades, além dos científicos. Ou que nós lhos atribuímos para que, de objecto de mera curiosidade histórico-linguística ou até histórico-cultural, se tenha transformado em tema onde investimos paixão e interesses que têm a ver não só com aquilo que somos como língua e cultura no *passado*, mas com o presente e o destino desse continente imaterial que é, ou queremos que mais nitidamente o venha a ser, *o mundo da lusofonia*. Todavia, nem aqui, nem em parte alguma, devemos fazer de conta, nós, portugueses, que o conteúdo e, sobretudo, o eco deste conceito de aparência tão *inocente* arrastem consigo as mesmas imagens, o mesmo cortejo de fantasmas, os mesmos subentendidos ou mal-entendidos, nos diversos espaços que atribuímos, sem uma onça de perplexidade, à ideal e idealizada esfera lusófona.

Aqui só tratarei, por português ser, das imagens e das miragens que tão inocente e grata palavra, como é a de *lusofonia*, suscita ou naturalmente implica enquanto dita, pronunciada, usada, como dizendo respeito não apenas a um mero facto, mas a um

projecto, um sonho e, mesmo, uma assumida utopia. E antes de mais, e sobretudo, porventura, *apenas* na sua plenitude, enquanto *conceito* forjado, proposto e assumido por nós, como uma certa ideia (se não uma certa *lógica*) das coisas o impõe, mas não com aquela univocidade imaginária que, sem querer, ou querendo-o de mais, lhe atribuímos.

Recentemente, em Paris, numa manifestação de carácter *lusófono*, com a participação e presença não só de autores, mas do público oriundo dos diversos espaços onde se fala português -em particular do Brasil -, foi apresentado um documentário nosso sobre o mundo e o estado da lusofonia. Uma parte desse público, estupefacto, teve a impressão de que o nosso tempo de portugueses estava ainda naqueles oníricos anos em que magníficos cartazes, em plena guerra africana, nos convidavam a gozar as delícias das *nossas* praias de Angola e Moçambique. A intenção do documentário era óbvia para nós, portugueses, mas para os outros espectadores «lusófonos» inaceitável. Sob essa visão paradisíaca do estado de facto da língua portuguesa no mundo insinuara-se a ideia da presença e da afirmação de uma *imaginária* cultura lusófona, harmoniosamente partilhada entre os povos de língua portuguesa ou que oficialmente dela se reclamam. Quem, mesmo conhecendo os antigos malefícios desta mal sonhada utopia imperial e as ilusões agora inaceitáveis deste inconsciente neocolonialismo, não gostaria que a presença da nossa língua no chamado espaço lusófono tivesse essa configuração de fábula? E, mais ainda, quem, assumindo até ao fim os efeitos do nosso passado de colonizadores, com o intrínseco imperialismo que nele ia, não consideraria também «positivo» que as diversas culturas desse não unificado espaço linguístico tivessem entre si aquela familiaridade e íntimo diálogo que cinco séculos de imaginário – mas também real – contacto com os colonizados deixariam supor?

Em nome da mitologia lusófona – ou antes da *lusofonia* - se fundou e faz repousar a recente arquitectura da *Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa*. Naturalmente, alguma verdade há nela para que fosse imaginada e, uma vez imaginada, nos esforcemos por lhe dar a configuração que só tem ainda expressão no voluntarismo com que – sobretudo nós, portugueses - a concebemos e desejamos. Por enquanto, além da total inoperância, mesmo só na ordem simbólica, do projecto, talvez explicável pela sua incipiência, tão exaltante perspectiva de uma *Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa* é apenas uma aposta, em si mesma natural para quem, como nós, se sentiu identificado com aquilo onde esteve, mas vivida, desde o início, sobretudo pelo Brasil, espaço lusófono sem exterior, com o que, pudicamente, podemos designar como *reticências*. Estas reticências, feliz ou infelizmente, não são conjunturais, mas estruturais.

Como simples particular, sem nenhuma espécie de responsabilidade na ordem diplomática ou política, nada me obriga a entoar a consabida litania acerca dos famosos

laços que nos unem – segundo pensamos – ao Brasil, mas que o Brasil não é obrigado a imaginar como sendo da mesma natureza que aqueles que a ele nos ligam. É lógico que, sendo o Brasil a nação lusófona por excelência numa mera perspectiva linguística e, ao mesmo tempo, o dinâmico e complexo universo cultural que também é – deixando de lado o seu peso económico e político –, a famosa nação-irmã se veja, se sinta e se pense como o *centro* da nova Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa.

Na prática é assim que procede. A sua política cultural em relação a Angola e Moçambique há muito o demonstra. E não deveríamos ofuscar-nos com isso, se uma tal prática não fosse, da parte do Brasil, sobretudo um empenhamento formal perfeitamente subalterno adentro da estratégia, hoje mundial, em todos os campos, da grande nação brasileira. Nessa estratégia, Portugal há muito que não é referência importante. O Brasil está voltado para o seu espaço natural, a América do Sul, e é lá que o seu estatuto *lusófono* lhe confere um impacto e uma originalidade de que poucos espaços culturais de vocação mundial podem orgulhar-se.

É mais do que claro que no imaginário brasileiro nem a palavra, nem a realidade da lusofonia, podem ter o mesmo sentido, quer dizer, a mesma função simbólica que no nosso, de antigos pais de filhos sempre maiores do que nós, condenados a viver, dentro da *pequena casa lusitana*, na pura nostalgia dos esplendores passados. Se esplendores foram, como os sonhámos ou, acaso, maiores ainda. Sempre fomos um povo de sonhos maiores do que nós. E só por tê-lo sido, mesmo na aberração ou na vertigem, nos consolamos e nos orgulhamos, até ao absurdo, de ser quem somos. Nisto estão conformes Camões, Vieira e Pessoa, que nos ofereceram em verso os impérios da realidade, do sonho e da virtualidade. A lusofonia é hoje o nosso *mapa cor-de-rosa* onde todos esses impérios podem ser inscritos, invisíveis e até ridículos para quem nos vê de fora, mas brilhando para nós como uma chama no átrio da nossa alma. Digo bem, *nossa*, de portugueses, imaginando que ela tem o mesmo brilho e o mesmo ardor nos outros pontos cardeais do espaço lusófono e, sobretudo, naquele que o astronauta Titov enxergou a olho nu do alto dos céus, o do Brasil. Mas não a tem, nem seria natural esperar que tivesse, pois a lusofonia é, antes de tudo e eminentemente, a fantástica expansão e deriva de um falar que se constituiu como língua de vocação nacional e como cultura de futura presença nos mais variados céus neste pequeno recanto que foi e é o *Noroeste* da Ibéria, quer dizer, a Galiza e o Condado Portucalense.

(LOURENÇO, Eduardo. *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem de Lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999, p. 174–177)

Atividades:

1. Tente captar qual é a atitude do autor perante o projeto de “lusofonia”.
2. Defina, em traços gerais, em que assenta o conceito de lusofonia.
3. Esclareça a sua própria opinião sobre as possíveis vantagens e desvantagens da lusofonia.